



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8078 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

COMPOSIÇÕES DESEJANTES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Hociene Nobre Pereira Werneck - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Sandra Kretli da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

COMPOSIÇÕES DESEJANTES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Este texto apresenta fragmentos de uma pesquisa que buscou compor encontros com professores/as para pensar a força de ação coletiva na/da escola para produção de resistências e invenções curriculares. Para tanto, problematiza de que modo professores/as transformam o encontro com o inusitado da pandemia em produção de “bons afetos”.

Como metodologia, realiza uma cartografia dos afetos (SPINOZA, 2009) produzidos nas redes de conversações (CARVALHO, 2009) com professoras de um Centro Municipal de Educação Infantil para pensar possibilidades de expansão do pensamento pela invenção de outros modos de *aprenderensinar*, tendo como pano de fundo o cenário da pandemia.

Em diálogo com Deleuze (1998, 2001, 2006), Deleuze e Guattari (1976), Spinoza (2009), Paraíso (2015), Gallo (2016), Carvalho (2009), dentre outros, argumenta que o desejo, entendido como construção e não como falta, impulsiona e expande a força de ação coletiva na/da escola, para criar resistências às políticas neoliberais e neoconservadoras e inventar novos movimentos curriculares.

Desse modo, potencializa a experimentação e o pensamento sem imagem (DELEUZE, 2006) como força para nos deslocar dos pontos de subjetivação que nos fixam, produzindo fissuras nas formas fixas do currículo, bem como ruptura nas imagens dogmáticas do pensamento.

Portanto, as linhas de escrita do presente texto se compõem com imagens enviadas por professoras em momentos formativos, quando elas puderam relatar, em redes de conversações, as afecções suscitadas nos encontros com as fotografias da escola.

Destaca-se que as fotografias das salas de aulas vazias, com os materiais escolares das crianças dispostos sobre as mesas para serem devolvidos às famílias, e do pátio externo da escola, coberto com frutos secos de jamelões (local onde as crianças costumavam brincar), bem como imagens-charge sobre o perigo do contágio pelo novo coronavírus provocaram nas professoras novas percepções e afecções. Essas novas percepções e afecções, por sua vez, foram transformadas em enunciações coletivas, expressando a resistência da grupalidade docente ante a insegurança ao retorno das aulas presenciais.

Nessas redes de conversações, são cartografados enunciados nos quais as professoras,

ao se depararem com tais imagens, afirmaram vivenciar a forte sensação de que está “faltando” algo: crianças, barulhos, interações...

Nesse aspecto, as imagens apresentadas por elas se configuram como imagens-sensação, apresentando “[...] seu potencial próprio de produção de sensações e capacidade de incitar o pensamento, de fazer pensar” (GALLO, 2016, p. 22), diferente da imagem como palavra de ordem, que determina o que é pensar, impossibilitando o fluir do pensamento.

Ao se abrirem ao pensamento sem imagem, as professoras escaparam da lógica da representação, pois não havia algo dado, já posto, fechado. Conforme se compunham em redes de conversações, expressavam outras intensidades desejantes, demonstrando que a “falta” não se relaciona com a “ausência”, mas sim com a construção de outros agenciamentos, pois “[...] desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto [...]” (DELEUZE, 2001, p. 19).

Percebe-se, então, que as professoras não desejavam simplesmente a presença das crianças, mas as desejavam em um conjunto que envolve sorrisos, brincadeiras, aprendizados, barulhos, interações etc., pois, como afirma Deleuze (2001), nunca desejamos alguém ou algo, mas desejamos sempre em um conjunto.

A falta, nesse sentido, remeteu “[...] a uma positividade do desejo, e não o desejo a uma negatividade da falta” (DELEUZE, 1998, p. 74). Essa ideia do desejo como falta foi produzida pelos mecanismos de captura, de dominação para normalizar o próprio desejo, com a intenção de controlar os nossos corpos, impedindo-nos de nos movimentar, já que, ao desejarmos em um conjunto formado por múltiplos agenciamentos, a nossa potência de agir é aumentada.

Essas composições com as imagens e intensidades desejantes vivenciadas num cenário pandêmico caótico violentaram o nosso pensamento, levando-nos a problematizar: de que modo professores/as podem transformar o encontro com o inusitado da pandemia em produção de bons afetos?

Com a adoção da medida de distanciamento social devido à pandemia, a necessidade de se (re)inventar tornou-se evidente para a docência. O teletrabalho, as aulas remotas, as formações on-line movimentaram o pensamento, impulsionando a busca de outros possíveis para os currículos, outras maneiras de estar coletivo no cotidiano escolar. As professoras com mais dificuldades para lidar com os artefatos tecnológicos foram auxiliadas pelas colegas que tinham tais habilidades e, juntas, compartilharam ideias, sugeriram outras maneiras de se encontrar coletivamente para planejamentos, momentos formativos, dentre outros.

Nesse aspecto, quando o desejo é entendido como construção e não como falta, torna-se potência, força subversiva revolucionária, e tudo se torna matéria de experimentação, isso porque o desejo “[...] quer sempre mais conexões e agenciamentos” (DELEUZE, 1998, p. 64). Quando ele transborda, ele cria, produz a própria realidade. Foi o que fez o corpo docente na força de ação coletiva se (re)inventar em tempos de pandemia produzindo outras realidades, outros possíveis.

Obviamente, não podemos, também, deixar de destacar a precariedade do trabalho docente nesse cenário de pandemia e citamos diversos exemplos: professores/as tendo que utilizar seus aparelhos particulares para dar conta do ensino remoto (computador, celular), internet e energia por conta própria, a junção do tempo destinado ao trabalho formal com o tempo para tarefas do lar, dentre tantas outras precariedades. Não se trata de negar a existência desses “maus afetos”, mas de ressaltar a força da composição com as intensidades desejantes num cenário caótico de pandemia. Desejos agenciadores de bons afetos.

Impulsionadores de composições em redes de solidariedade e de amizade.

Nesse caso, pode-se dizer que não foi o desejo que se apoiou nas necessidades, mas as necessidades foram derivadas do próprio desejo (DELEUZE; GUATTARI, 1976) de experimentar, ampliando-se as potências de aprendizagem. O desejo fez com que as professoras se tornassem nômades, de modo que não se apegaram apenas às formas, mas sim às forças (PARAÍSO, 2015), pois as formas são elementos de passagem, de experimentação.

Assim, para além de julgar entre o certo e o errado, questionando se convém ou não convém o ensino remoto, enfatiza-se o desejo como força subversiva produtora de resistências às imagens reducionistas/representativas de *espaçotempos* de aprendizagem, aos modos de se fazer currículos verticalmente orientados. Também se destaca a força de ação coletiva na/da escola para a constituição de um comum plural (CARVALHO, 2009) impulsionador dos movimentos inventivos curriculares em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Força de ação coletiva. Invenções curriculares. Desejo. Experimentação.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida em vídeo a Claire Parnet. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, “TV Escola”, série Ensino Fundamental, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Joana Morais Varela e Manuel Maria Carrilho. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GALLO, Sílvio. Algumas notas em torno da pergunta: “o que pode a imagem?”. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, vol. 9, n. 1, p. 16 - 25, jan./abr. 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.